


NARRATIVAS DO GULAG, OUTRAS MARGENS DO ARQUIPÉLAGO

 10.5935/2177-6644.20220032

GULAG NARRATIVES, OTHER SHORES OF
THE ARCHIPELAGO

NARRATIVAS DEL GULAG, OTRAS
MÁRGENES DEL ARCHIPIÉLAGO

Carlos Eduardo Bione Sidrônio de Lima *

 <https://orcid.org/0000-0002-8015-7838>

Resumo: Buscamos entender o processo de desenvolvimento e complexificação da historiografia do gulag, passando inicialmente pela narrativa literária testemunhal, assumindo depois estatuto de área historiográfica especializada da soviologia; por fim, alcançando novas possibilidades narrativas como tema contemporâneo candente, com desafios a serem enfrentados em tempos de controle das narrativas históricas.

Palavras-Chave: Gulag. URSS. Repressão. Narrativas.

Abstract: The article intends to understand how the history of the gulag developed, initially passing through the testimonial literary narrative, later assuming the status of a specialized historiographical area of sovietology; finally, reaching new narrative possibilities as a relevant contemporary theme, with challenges to be faced in times of control of historical narratives.

Key-words: Gulag. USSR. Repression. Narratives.

Resumen: El artículo pretende comprender cómo se desarrolló la historia del gulag, pasando inicialmente por la narrativa literaria testimonial, asumiendo luego el estatus de área historiográfica especializada de la soviología; finalmente, alcanzando nuevas posibilidades narrativas como tema contemporáneo relevante, con desafíos a ser enfrentados en tiempos de control de las narrativas históricas.

Palabras-clave: Gulag. URSS. Represión. Narrativas.

* Doutorando em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Membro do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea (GELBC/UnB).  <http://lattes.cnpq.br/7463592154045401> - E-mail: cadubione@gmail.com.

Registro aqui os meus agradecimentos à leitura rigorosa das/os historiadoras/es pareceristas *ad hoc* da *Revista Tempo Espaço e Linguagem*, pois o debate criterioso entre pares, hoje mais do que nunca, é etapa essencial para a produção e o avanço historiográfico. Agradeço, igualmente, à Profa. Dra. Luba Jurgenson e ao Profa. Dr. Andrea Gullotta: interlocução, inspiração e linhas condutoras para prosseguir, com discernimento, dentro do labirinto cujo vulto do minotauro já não passa de *imitatio* da *imitatio*.

Introdução – ou *O arquipélago*, de Soljenítsin, como metáfora fundacional

Quando os manuscritos da obra monumental *Arquipélago gulag*, do escritor russo Alexander Issaiévich Soljenítsin, chegaram ao ocidente, no início dos anos 1970, escondidos na bagagem de um membro da missão diplomática francesa que retornava da Rússia, poucos quiseram acreditar no relato detalhado e aterrador que o autor registrou durante nove anos de escrita na clandestinidade, ao longo de mais de três mil páginas, dos horrores vividos e testemunhados no tempo em que esteve, como prisioneiro, purgando sua pena nos campos de concentração e trabalho forçado correcional do regime estalinista.

Apesar das reticências iniciais da sua recepção – a obra encontrou um ocidente ainda incrédulo quanto à possibilidade de tais experiências poderem ter, de fato, ocorrido a Leste –, não demorou para que a narrativa de Soljenítsin se tornasse a grande referência, como obra-farol, sobre esse tema, a história do gulag. De fato, a narrativa do *Arquipélago* soljenitsineano, pela sua observação detalhada, exaustiva e minuciosa, construída na forma de uma imensa colcha de retalhos-relatos, colocou o público leitor ocidental, pela primeira vez, diante da dimensão e da contundência real da experiência concentracionária no espaço soviético.

Se pudéssemos conjecturar uma *teoria da recepção* para esse primeiro momento da publicação da obra, no início dos anos 1970, não seria difícil de entender as reservas que o livro encontrou inicialmente junto ao público. A encruzilhada estabelecida no cerne da sua tessitura narrativa entre tempo, espaço e experiência vivida-narrada parece embaralhar totalmente as frágeis certezas que se foram construindo ao longo dos anos da reconstrução, no espaço das sociedades ocidentais, no imediato após II Guerra Mundial (BÉRENGER, 2021; CŒURÉ, 2019). Pensar e conceber a possibilidade da existência de campos de concentração no espaço soviético – com fins específicos: o banimento e o trabalho forçado correcional –, depois dos horrores perpetrados pelo Terceiro Reich, não seria das situações mais confortáveis, sobretudo em um contexto de tentativas de “reequilíbrio” das tendências políticas, de relativo otimismo, pois se atravessava o período que a historiografia por algum tempo nomeou Anos Gloriosos da pujança reconstrutiva oportunizada, a partir de 1948, pelo impulso financeiro estadunidense do Plano Marshall.

Foi, portanto, na trilha aberta pela obra do escritor Alexander Soljenítsin, no escopo da escrita literária, e na tópica da narrativa testemunhal, que a história do gulag foi recepcionada pelo grande público num primeiro momento no ocidente. Tal fato não será sem efeitos para a consolidação dessa área de investigações e pesquisas. Muito da massa crítica acadêmica produzida ainda hoje sobre o tema do gulag encontra-se nos repositórios de dissertações e teses de programas

de pós-graduação na área dos estudos literários. E não há problema algum nessa constatação. Por outro lado, ela nos dá importantes indícios de que o fato histórico gulag, como prática repressiva que se estendeu ao longo de décadas, e que conta com um espólio documental digno dos episódios da era contemporânea mais bem documentados, foi e segue sendo percebido – quando de fato o é – como algo diretamente relacionado ao foro da literatura confessional, de testemunho.

Essa dinâmica de produção e recepção de obras sobre o gulag – e vale lembrar aqui que o *Arquipélago gulag*, de Soljenítsin, foi apenas a narrativa que rompeu uma espécie de imensa eclusa que represou por décadas o fluxo narrativo dessa experiência – teve ao longo dos anos pelo menos dois efeitos visivelmente identificáveis, a saber: (I) se, de um lado, colocou o tema em contato com outros nichos de leitores, sobretudo aqueles mais interessados na literatura de relatos testemunhais, avessos ao tom de elegia beligerante que por vezes é adotado pela historiografia dedicada ao período; (II) por outro, estabeleceu como verdadeiro paradigma, devido à potência de obra-farol do *Arquipélago*, a narrativa testemunhal como meio possível de acesso ao tema histórico do gulag.

Outras margens do arquipélago

Depois da narrativa de Soljenítsin, outras obras essenciais para se entender o imenso mosaico do sistema gulag foram surgindo ao longo do tempo no mercado editorial. Os *Contos da Kolymá*, de Varlam Chalámov, publicado em 1978¹. A narrativa de Evguenia Guinzbourg, *Le vertige*, publicada já em 1967 na França, mas que não recebeu a devida importância à época. A narrativa testemunhal publicada em 1963 pela francesa Andrée Sentaurens, *Dix-sept ans dans les camps soviétiques*², casada com um membro da missão diplomática soviética em Paris, e que, depois de acompanhar o marido no seu retorno ao país, acabou por permanecer dezessete anos presa nos campos do gulag. A narrativa de Sentaurens encontrou inicialmente alguma repercussão, mas foi rapidamente alvo de um “não se fala mais disto” e esquecida.

No espaço russófono, na última década, algumas publicações sobre o tema têm visto a luz em edições independentes ou fomentadas por ações de incentivo cultural de países vizinhos, como o caso do romance gráfico documental *Tvoi deduchka Vassia*³, de Anna Rakhmanko, publicado em

¹ O historiador e demógrafo Alain Blum, especialista da história soviética, relata num longo depoimento a importância que a obra “Arquipélago gulag”, de A. Soljenítsin, teve para a sua formação como historiador, mas nada se compara ao peso e à riqueza de detalhes das narrativas reunidas no livro *Contos da Kolymá*, de V. Chalámov. No depoimento de Alain Blum, pode-se perceber claramente o efeito “iniciático” que essas obras literárias desempenharam na formação do especialista, referência internacional sobre a história das populações soviéticas, que ele se tornou (cf. BLUM, 2022).

² “Dezessete anos nos campos soviéticos” (trad. livre nossa).

³ “O seu avô Vassia” (trad. livre nossa). Do original em língua russa: *Твой дедушка Вася*. Uma apresentação da obra pode ser consultada na página do Museu da História do Gulag em: <https://bit.ly/3QRch8q>. Acesso em: 26 jun. 2022.

2021 com o apoio de um prêmio concedido pela *Danish Art Foundation Statens Kunstfond* e cujo enredo reconstrói uma saga familiar que teve seu destino atravessado, em 1941, pela condenação ao gulag, no extremo norte do país, imputada ao avô da autora. Como muitos russos de gerações mais jovens, Anna só teve conhecimento da própria história familiar depois de adulta. E uma infância e juventude, na Sibéria, que sempre lhe pareceram uma vida ordinária subitamente revelou-se como produto de uma pena política de banimento nos campos siberianos do gulag a que seus ancestrais haviam sido submetidos.

O espaço do testemunhal, que durante muito tempo concerniu apenas aos diretamente tocados pela repressão do gulag e a seus descendentes, mais recentemente se tem espreado para outras autorias, como no caso da narrativa *Sandormokh - Le livre noir d'un lieu de mémoire*⁴, publicado em 2021. O livro traz o relato escrito pela geógrafa Irina Flige, diretora da filial da associação *Memorial*, sediada em São Petersburgo, e emula o formato de uma dramaturgia, dividida em atos e cenas, narrando a descoberta das valas comuns abertas na floresta de Sandormokh para “darem fim” aos corpos de milhares de prisioneiros do gulag executados durante o período nomeado pela historiografia como o Grande Terror (1937-1938)⁵.

O testemunhal, no caso do livro de Irina Flige, não se fecha na experiência pessoal daquele que viveu contemporaneamente o tempo e os efeitos do fato em si, mas acaba por transcender a barreira temporal e alcançar a vida dos pesquisadores que, no *post factum*, têm-se dedicado a historicizar os efeitos e permanências do gulag através do tempo. Nesse sentido, a narrativa apresentada no livro *Sandormokh*, ao restituir, no tempo presente, o processo de estabelecimento de um *lugar de memória* essencial para entendermos a dinâmica de funcionamento do gulag nos anos de pico da repressão estalinista, põe-nos diante da permanência [e seus efeitos] de um passado

⁴ “*Sandormokh – O livro proibido de um lugar de memória*” (trad. livre nossa).

⁵ No que concerne a delimitação cronológica desse momento da Grande Purga estalinista, há um debate historiográfico não desimportante e que merece ser mencionado, cujos marcos assumidos para o período divergem. Para a historiografia francesa, notadamente com os trabalhos do historiador Nicolas Werth (CNRS-FR) à frente como principal fonte historiográfica, convencionou-se entender o referido período como o intervalo de tempo de dezesseis meses, entre agosto de 1937 e novembro de 1938, em que a Ordem Operacional N°00447, de 30 de julho de 1937, assinada por Stalin, foi colocada em ação. Portanto, tem-se aqui como principal referente para o Grande Terror a datação exata indicada no referido documento (cf. WERTH, N.; BLUM, A. 2010). Por outro lado, na historiografia anglo-saxônica, como nos trabalhos do historiador Robert Gellately (FSU-EUA), a excessiva delimitação proposta a partir do marco documental representado pela Ordem Operacional N°00447 restringiria os fatos a um lapso de tempo muito circunscrito, sem levar em consideração, portanto, fatores exógenos que teriam impactado diretamente na repressão dentro do espaço soviético já a partir de 1936, como, segundo Gellately, a eclosão da Guerra Civil Espanhola em julho de 1936 (cf. GELLATELY, R. 2013, notadamente o Cap. 2 - *Exterminating Internal Threats to Socialist Unity*, da Parte I - *The Stalinist Revolution*). Para efeito indicativo apenas, adotamos aqui a datação proposta por Werth, 1937-1938, por considerarmos circunstanciadamente, junto a este historiador, que a *grande vague* repressiva do período Stalin, apesar de se ter espreado para além dos limites da datação que consta na Ordem Operacional N°00447, de 30 de julho de 1937, é produto de uma ação específica cujas diretrizes operacionais estão textualmente delimitadas na ordem que vigora entre agosto de 1937 e novembro de 1938.

difícil que não passa – para recuperarmos aqui a formulação proposta por Henry Rousso (1987) acerca da dinâmica dialética de um passado difícil a projetar-se, insistentemente, sobre o tempo presente.

A lista de obras que abordam o tema pode alongar-se demasiadamente, sobretudo se ultrapassarmos as fronteiras linguísticas das produções francesas e russófonas que têm, nos últimos tempos, dedicado especial atenção às questões memoriais relacionadas à história do gulag. Apenas como menção, não menos importante, da produção sobre o gulag no espaço germanófono, destacam-se os trabalhos de Meinhard Stark que se tem dedicado a desenvolver pesquisas e publicar obras sobre a história de mulheres e crianças no espaço concentracionário soviético.

Em língua vernacular, publicou-se muito recentemente, neste 2022, pela casa editorial lisboeta Relógio d'Água, uma importante coletânea epistolar ligada à história dos campos do gulag, o *Cartas do Pai - Cartas dos pais reclusos no gulag aos filhos*. Trata-se de um trabalho inaugural em língua portuguesa de reunião, tradução e notação de epistolografia histórica ligada ao tema. A publicação conta ainda com prefácio da escritora Liudmila Ulítskaia e introdução assinada pela historiadora Irina Lazarevna Scherbakova, da associação *Memorial* sediada na cidade de Magadan (antigo campo de trânsito para prisioneiros enviados à Kolyma).

Para além da simples glosa, essas referências bibliográficas supracitadas testemunham o interesse vivo pela história do gulag e a sua intensa produção, seja no campo acadêmico, seja no foro pessoal, por iniciativa independente de jovens autores. Decerto que o *Arquipélago gulag*, de Alexander Soljenítsin, não foi a primeira narrativa nem será – pela sua grandiosidade *anti-épica* de um tempo histórico de ruínas – a obra a encerrar toda a potência narrativa ligada a esse trágico episódio da nossa história contemporânea. Todavia, o *Arquipélago*, em sua monumentalidade literária, instaura um importante marcador temporal de publicações sobre o sistema de repressão de massa no espaço soviético. Como obra de referência, o *Arquipélago* estabeleceu no ocidente uma espécie de pedra fundamental e pavimentou, junto ao público leitor, a via de interesse pelo tema, forçando assim as editoras a investirem nas traduções de outras obras para que essas narrativas do gulag chegassem ao mundo ocidental. E a recepção da história do gulag no ocidente, diante desse fato, sempre será, em alguma medida, tributária dessa clareira aberta a golpes de braço por Soljenítsin.

Por outro lado, essa onipresença do gênero narrativo testemunhal acabou por eclipsar muito da produção historiográfica sobre o tema do gulag, desenvolvendo assim, paralelamente, uma percepção de que o gulag foi, essencialmente, uma experiência vivida e relatada por alguns poucos

que a ela sobreviveram e que transpuseram as suas memórias de experiências limites do cárcere às páginas das narrativas. A via de *libération de la parole*⁶ proporcionada pela escrita literária àqueles testemunhos traumáticos, que permaneceram represados dentro do espaço soviético, pelo menos desde fins da década de 1920, só irá encontrar paralelo no campo da historiografia no início da década de 1990, já à véspera da dissolução do regime, no momento em que os arquivos soviéticos foram desclassificados da guarda de documentos secretos e historiadores do mundo ocidental puderam ter acesso a uma imensa massa documental até então inédita.

Abertura dos arquivos soviéticos, uma mudança de paradigma

Entre os especialistas da área da soviologia e do tema do gulag especificamente, como a historiadora estadunidense Anne Applebaum ou o historiador francês Nicolas Werth, tal fato, a abertura dos arquivos, é considerado não menos que uma verdadeira revolução copernicana para o campo de pesquisa, pois, pela primeira vez, depois de quase setenta anos de existência da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), o mundo ocidental poderia consultar o conjunto de documentação da burocracia estatal soviética. Saiu-se então do estado de inferência construída a partir de fragmentos documentais e entrou-se na fase da minuciosa exatidão quantitativa, construída no exame detalhado dos relatórios institucionais do aparato burocrático de Estado.

É bem verdade que o ocidente pôde ter acesso a alguns fragmentos de conjunto documental oriundos do mundo leste ao longo da segunda metade do século XX, sobretudo aqueles resultantes do espólio de guerra, no imediato pós-1945. O caso paradigmático, nesse sentido, foi o famoso Arquivo de Smolensk que depois de transferências sucessivas, partindo de Moscou para Smolensk, depois sendo ali capturado pelo exército alemão, a *Wehrmacht*, que em 16 de julho de 1946 tomou o controle da cidade russa, foi transferido para Berlim na sequência, de onde finalmente foi “recuperado”⁷ em 1945 pelo exército estadunidense e enviado para o arquivo da Universidade de Columbia. A partir dos primeiros estudos realizados em torno dessa documentação, dita *de Smolensk*, que se organizou como área de concentração temática a soviologia, em fins dos anos 1940, nos Estados Unidos da América (EUA).

Contudo, como parte desmembrada de um todo, dificilmente aqueles primeiros estudos conseguiram alçar uma visada panorâmica atribuindo à parte examinada a devida organicidade que

⁶ *Liberção da palavra/liberação do discurso*. Conceito caro à psicanálise no que se refere ao “processo de cura” – entenda-se aqui a expressão apenas como uma perífrase de atalho a um processo complexo – pela (re)estruturação discursiva do relato traumático, recalçado pelo inconsciente como forma de defesa e autopreservação, mas que aqui o tomamos apenas no seu sentido fraco, como o movimento de desaprisionamento de uma experiência em sua forma de narrativa.

⁷ Ou novamente sequestrado, a depender da perspectiva assumida.

nutria com um sistema de *corpora* burocrático altamente complexo. Nesse contexto, a chave interpretativa, por vezes redutora, do modelo totalitário de gestão administrativa aplicada às sociedades que integravam o espaço soviético ali encontrou o meio ótimo para ser averiguada e corroborada dentro de uma lógica tautológica de explicações: não haveria outras formas possíveis de dinâmicas sociais nessas sociedades, pois se trataria de produto acabado de um Estado, por definição, totalitário. E assim o ciclo de repetição interpretativa estava fechado dentro de uma lógica que se retroalimentava, sendo a complexa documentação burocrática do arquivo apenas o reflexo de uma espécie de imensa *matrioska* representada pela própria lógica estatal totalitária. O gulag seria então, dentro dessa abordagem, apenas uma faceta a mais das formas de controle total do Estado – controle este que, aliás, durante muito tempo, fez unanimidade nas análises dos estudiosos do espaço soviético⁸.

Essa abordagem, dita ‘totalitária’, de uma soviologia de primeira hora só iria ser modificada na passagem dos anos 1960, com o aporte da história social colocado em prática pela “escola revisionista”. Deve-se muito desse ajuste de foco, com vistas a um refinamento mais apurado da complexidade daquelas dinâmicas sociais, aos trabalhos de Leopold Haimson, sobretudo aqueles dedicados a entender o funcionamento direto das heranças revolucionárias nas primeiras décadas do novo regime.

Ao ter o paradigma totalitário rompido, uma miríade de possibilidades interpretativas passaram a ver a luz do dia no campo da soviologia⁹. E antes mesmo da abertura ampla dos arquivos a partir de 1990, de uma forma ou de outra, muita coisa veio à tona com a política do ‘publicizar’ os meandros da gestão estatal, mas também do ‘falar sobre o que permaneceu silenciado’, promovido pela *glasnost*, novo parâmetro de governança implementado pela gestão Mikhail Gorbatchiov, a partir de 1986. Nessa perspectiva, os depoimentos reunidos pela escritora nobelizada Svetlana Aleksievitch, no seu livro *Secondhand time: the last of soviets*¹⁰, de 2013,

⁸ Recentemente a historiadora especialista em história social do espaço soviético, Juliette Cadiot (CNRS-Fr), publicou um importante estudo sobre as pequenas formas de rompimento desse outrora dito “controle total” das sociedades soviéticas. O estudo de Cadiot partiu da documentação jurídica soviética que registra uma quantidade sem fim de processos penais contra pequenos furtos, quase sempre de alimentos, e que fornecem – contrariamente à ideia antes difundida de uma atomização dos atores sociais pelo regime de feições totalitárias – o testemunho de grupos sociais dinâmicos em suas pequenas ações disruptivas contra um aparato de controle estatal. Ver: CADIOT, 2021.

⁹ Para esse *giro interpretativo* que se empreendeu no campo da soviologia, do imediato Pós-Guerra e ao longo da Guerra Fria, passando de uma abordagem dita ‘totalitária’ para a ‘revisionista’, baseamo-nos no depoimento do historiador Nicolas Werth (2014), em *À voix nue*, disponível em: <https://bit.ly/3Ae8Dzs>, último acesso em: 5 ago. 2022; outra perspectiva possível é a apresentada por Sheila Fitzpatrick (2008), a partir da sua experiência pessoal como historiadora australiana dedicada à soviologia e sua estada como pesquisadora convidada nos EUA ao longo da década de 1970, relatada no seu *Revisionism in Retrospect: A Personal View*.

¹⁰ A edição em língua portuguesa, para o seu título, baseou-se com maior ênfase no subtítulo criado para a versão inglesa, *The last of soviets* (decerto pelo seu apelo referencial), e a fina reflexão construída pela autora acerca da

constituem um rico manancial para se entender como, ainda sob o fogo cruzado dos fatos que culminaram na derrocada do regime em 1991, as narrativas difíceis de memórias traumáticas das populações soviéticas encontravam meios possíveis para serem elaboradas e compartilhadas – mesmo que apenas em conversas sussurradas nas cozinhas minúsculas das antigas *khruchtchiovkas*¹¹, no final do dia, entre taças de chá preto e tigelas de *pryaniki*¹².

A história do gulag, por sua vez, integra esse imenso tecido narrativo memorial que esteve e permanece presente na vida de muitas gerações. Hoje, sabe-se que no auge da repressão, entre fins da década de 1930 até a morte de Stalin, em março de 1953, um em cada seis cidadãos soviéticos estava preso num dos campos do gulag, sendo portanto difícil existir no espaço pós-soviético atual alguém que não tenha sido tocado direta ou indiretamente, seja por um parente distante, um ancestral, seja por alguém próximo relacionado à parentagem mais ampla do círculo familiar, pelos vestígios dessa história de repressão de massa (ROTMAN; AYMÉ; WERTH, 2019).

Das cifras estatísticas à escuta memorial

Passado o momento de euforia inicial após a abertura dos arquivos, os estudos que se seguiram sobre o gulag buscaram trazer à luz do grande público as evidências documentais da existência dos fatos¹³, de que não se tratava de um exagero conspiratório narrativo entre os blocos Oeste e Leste, em mais uma disputa narrativa típica do contexto da Guerra Fria. Essa preocupação, de publicizar a materialidade dos dados, esteve por algum tempo alicerçada nas análises minuciosas dos relatórios quantitativos que as chefias locais dos campos realizavam e enviavam frequentemente à Administração Geral dos Campos¹⁴ – o braço mais forte da polícia política soviética, a *Narodnii Komissariat Vnutrennikh Del* (NKVD)¹⁵. Como se mimetizasse a própria fonte documental analisada, as grandes pesquisas de fins da década de 1990 que tentavam sintetizar o volume de dados a que finalmente se tinha acesso acabavam por reproduzir a mesma litania de um discurso

mudança de percepção de um regime de temporalidade, proposta pelo título original: *Время секунд хэнд* [*Tempo de segunda mão*], perdeu-se nas entrelinhas das narrativas coletadas no livro. Ver ALEKSIÉVITCH, 2016.

¹¹ Prédios modulados de apartamentos construídos em larga escala no período do governo de Nikita Khruchtchiov, donde a apelação *khruchtchiovka*.

¹² Tradicional biscoito de gengibre e canela; ingrediente obrigatório para acompanhar o chá preto nas acaloradas tertúlias sobre a conjuntura política discutida, à baixa voz, dentro das cozinhas.

¹³ Integra essa primeira leva de grandes estudos baseados nos intermináveis relatórios quantitativos das administrações dos campos a obra de referência dos historiadores franceses Nicolas Werth e Gaël Moullec, « *Rapports secrets soviétiques : la société russe dans les rapports confidentiels, 1921-1991* » [“Relatórios secretos soviéticos: a sociedade russa vista pelos relatórios confidenciais, 1921-1991” – trad. livre nossa], publicada em 1995.

¹⁴ Órgão que deu nome, por acrônimo, ao que hoje chamamos *gulag*, a *Glavnoe Upravlenie Lagerei*, do original em língua russa: *Главное Управление Лагере́й*.

¹⁵ Do original em língua russa: НКВД - Народный комиссариат внутренних дел; trad. direta: Comissariado do Povo para Assuntos Internos.

burocrático quantitativo, dentro do qual a dimensão humana das histórias pessoais, atravessadas pela repressão política, simplesmente desaparecia.

Numa etapa posterior, a partir dos anos 2000 sobretudo, houve um crescimento de produções historiográficas não mais focadas nas, por assim dizer, “provas do crime”, reproduzindo uma quantidade sem fim de dados estatísticos extraídos de relatórios burocráticos, mas, sim, interessadas então em uma abordagem mais “micro” da amplitude desse fenômeno, tentando recuperar as possibilidades de trocas e dinâmicas sociais entre os diferentes agentes históricos dentro do universo concentracionário repressivo do gulag. Observamos assim, ao longo do tempo, uma transformação dada ao tratamento do tema nos diferentes tipos de narrativa, seja o do momento inicial, de pendor literário testemunhal, por vezes autobiográfico, seja o do momento seguinte, de intenções quantitativo-historiográficas.

Fato é que, ao longo das últimas décadas, tem-se aprofundado o interesse pela história do gulag, não só no mundo ocidental – vejam-se as produções bibliográficas e audiovisuais sobre o tema nos últimos anos¹⁶ –, mas também no próprio espaço pós-soviético, numa dinâmica cujo movimento pode ser descrito na formulação do binômio transmissão/transpiração, proposto pela acadêmica Corinne Chaput-Le Bars (2013), especialista em estudos de memórias traumáticas. Apesar de a interpretação de Chaput-Le Bars ser desenvolvida e aplicada em outro contexto de memórias difíceis, o de transmissão familiar relacionada às memórias da Guerra da Argélia (1954-1962), identificamos uma aproximação com o caso do *legado* do gulag: nessa espécie de jogo silencioso, traspassado por diferentes níveis de interditos, da transmissão intergeracional de memórias difíceis por *transpiração*, isto é, por meios que escapam ao silenciamento consciencioso dos agentes históricos diretamente envolvidos nos fatos, os sobreviventes dos campos e seus descendentes.

Nesse sentido, assume importância central o papel de ‘agente transmissor’ desempenhado pela associação *Memorial* e suas ações de reparo memorialístico relacionadas ao período estalinista. Criada ainda nos anos 1980, no bojo das transformações sociopolíticas oportunizadas pelas

¹⁶ Tem especial destaque nesse contexto a produção da série documental em três episódios, “Gulag, a história dos campos de concentração soviéticos”, no original: *Goulag : une histoire soviétique*, lançada em 2019, de Patrick Rotman e François Aymé, com participação do historiador Nicolas Werth na escrita do roteiro. A produção, inédita na sua amplitude cronológica e no uso de vasta documentação primária, resultou também na publicação do livro: *Goulag - Une histoire soviétique* (ref. completa *in fine*). Ao leitor e pesquisador mais interessados no conjunto documental iconográfico relativo ao gulag, essa obra é um importante referencial por reunir fotografias dos campos e dos prisioneiros, desenhos feitos por estes, mapas, reprodução de vasta documentação administrativa etc. – elementos que, ao serem vistos agrupados num único suporte impresso, dão-nos a real dimensão da amplitude do sistema de campos de concentração e trabalho forçado do gulag estendido sobre a quase totalidade do vasto território soviético. Disponível em: <https://bit.ly/3Q0CTDj>. Acesso em: 26 jun. 2022.

reformas do governo Gorbachiov, a associação tem por objetivo zelar pela manutenção da memória das pessoas que foram vítimas da repressão política sob o regime soviético. À frente, como um dos seus membros fundadores, esteve o vencedor do Prêmio Nobel da Paz de 1975, o físico russo e dissidente político Andrei Dmitrievich Sakharov (*1921-†1989), ele próprio tocado pela política repressiva de banimento tendo que, entre os anos de 1980 e 1986, exilar-se na cidade de Gorki. Apesar das turbulentas águas, em termos de políticas memoriais no espaço pós-soviético, a associação *Memorial* chegou ao século XXI contando com uma rede de filiais que se estende por onze países e tornando-se referência arquivística incontornável para os pesquisadores da área da soviologia.

Recentemente, a *Memorial* foi levada aos bancos dos réus acusada de ser um ‘agente estrangeiro’, apelação atribuída compulsoriamente pela política de segurança nacional àquelas pessoas, físicas ou jurídicas, que tenham recebido algum tipo de financiamento que parta de fora do espaço nacional russo para desenvolverem suas atividades. Depois de um longo imbróglio jurídico, a associação foi condenada a pôr fim ao seu funcionamento dentro do território nacional. Porém, antes de incriminar uma organização não-governamental sem fins lucrativos, cujo corpo institucional é formado essencialmente por historiadores, o julgamento e seu veredito final põe em evidência a delicada situação de controle em que permanecem as difíceis memórias do século XX do espaço pós-soviético (WERTH, 2022), nela, em posição centrípeta, o sistema concentracionário de repressão dos campos do gulag.

A associação que até meados de 2012¹⁷ parecia gozar de um regime de funcionamento aparentemente pacífico e tolerável em relação à rígida política memorial da atual gestão estatal russa, após a divulgação, em 1997, do achamento dos vestígios das valas de Sandormokh, lugar de execução de massa durante os anos de maior repressão sob Stalin, situado na região da Carélia, próximo à fronteira com a Finlândia, foi tendo os seus dias de tranquilidade paulatinamente interrompidos e vigiados de perto. Inicialmente, o historiador responsável pelas pesquisas de arquivo e buscas *in loco* dos traços de geolocalização das valas de Sandormokh, Yuri Dmitriev, então responsável pelo braço local da *Memorial*, viu-se subitamente transformado em alvo jurídico de um *fait divers* que em muito se assemelha às acusações imputadas aos presumidos inimigos do regime, acusados compulsoriamente de sabotagem contrarrevolucionária no período áureo da

¹⁷ A condição de liberdade de funcionamento acompanhada de que a associação gozava até então mudou quando da promulgação, pela *Duma* (Assembleia Federal), da Lei N°121-FZ de 2012, pela qual toda organização não governamental em funcionamento no território nacional que recebesse algum auxílio financeiro advindo do exterior deveria autodeclarar registro como sendo “agente estrangeiro”. Ver: BINETTE, 2016. Disponível em: <https://epi-revel.univ-cotedazur.fr/publication/item/1154?id=1282>. Acesso em: 26 jun. 2022.

repressão estalinista. Após inúmeros vaivéns na corte penal, o historiador Yuri Dmitriev encontra-se atualmente encarcerado com sentença penal de quinze anos de reclusão a ser cumprida em regime fechado.

Caso Sandormokh, instituição (oficial) de um (não-)lugar de memória

O episódio de Sandormokh constitui-se como caso emblemático do controle rigoroso de que as narrativas sobre as ações de repressão do Estado soviético são objeto. Ao trazer à luz da história, não mais por relatos ou narrativas memorialísticas testemunhais¹⁸, mas pela materialidade de dezenas de valas comuns abertas, em meio ao massivo da floresta homônima de Sandormokh, para dissimularem o sepultamento, de modo a não deixarem traçabilidade visível, de milhares de prisioneiros do gulag executados *in loco*, a associação *Memorial* ultrapassou o limiar de tolerância na condução das narrativas históricas sobre a repressão de massa do Estado. Já não se tratava apenas de velar pela memória de dezenas de milhares de vítimas da repressão, cuja narrativa institucionalizada da história tende a homogeneizar e descontextualizar. A prova material de um crime contra a humanidade passou a estar exposta à luz do dia e a contextualização documentada dos fatos havia sido reconstituída pela documentação levantada pela *Memorial*.

Num sentido um tanto diverso das ações desenvolvidas pela associação *Memorial* estão algumas instituições oficiais criadas pelo governo, geridas pelo órgão estatal responsável pela gestão cultural no país. Dentre essas instituições, reagrupadas sob o grande guarda-chuva institucional da União Nacional dos Museus, estão dois espaços oficiais de produção e divulgação histórico-cultural relacionados à história do gulag e que merecem atenção, são eles, o Centro Memorial da História da Repressão Política “Perm-36” e o Museu da História do Gulag.

O primeiro, o Centro Memorial “Perm-36”, foi criado nas antigas instalações do campo de concentração com fins ao banimento e ao trabalho forçado correcional “Perm-36”, que por sua vez integrava o complexo carcerário conhecido no jargão gulagueano como o “Triângulo de Perm”¹⁹. Tratava-se de um conjunto prisional composto por três unidades concentracionárias, o VS-389/35, o VS-389/36 e o VS-389/37, que passaram a ser correntemente nomeados nas cartas dos seus

¹⁸ E que, ressalte-se, durante muito tempo constituíram verdadeiro tabu social e foram tratadas como exageros ou delírios persecutórios, sendo dessa forma silenciadas, numa dinâmica semelhante àquela relatada por Primo Levi quando das suas tentativas de narrar o que viu e viveu dentro do campo de concentração. Nesse sentido, como efeitos pós-traumáticos, tendo em conta as especificidades de cada contexto, observamos uma aproximação entre esses não-ditos – que no caso pós-soviético seguem sendo alvo de “direcionamentos” interpretativos, quando não, de interdição.

¹⁹ V. Monumentos e painéis comemorativos às vítimas das repressões políticas no território da ex-URSS. *Ação comemorativa dedicada aos prisioneiros políticos da circunscrição do “Triângulo de Perm”*. Centro Andrei Sakharov. Disponível em: <https://www.sakharov-center.ru/asfcd/pam/?t=pam&id=112>. Acesso em: 19 jun. 2022.

prisioneiros como “Perm-35”, “Perm-36” e “Perm-37”. O complexo foi inaugurado em 1946²⁰ para receber o contingente prisional da Colônia Florestal N°06 da Direção Molotov de campos de trabalho correcional e das colônias do NKVD²¹. Os três campos ficam localizados ao longo do curso do rio Tchussovaia, nas cercanias da vila Kutchino, no distrito urbano de Tchussovskoi, região de Perm, no Ural. O mais conhecido dos três campos, o “Perm-36”, foi desativado apenas em 1988; o “Perm-35” permaneceu funcionando até 1992²².

Em 1994, como resultado das ações da associação *Memorial*, as instalações do “Perm-36” foram transformadas, pela municipalidade, em um complexo museal dedicado à memória das vítimas que por lá passaram ou que lá pereceram. Com o acirramento das disputas narrativas, entre organizações da sociedade civil e ações contínuas de controle da história nacional como política de Estado, o complexo museal “Perm-36” passou, a partir de 2016, a integrar a União dos Museus da Rússia, tendo assim a sua proposta institucional realinhada à versão histórica institucional²³. Na prática, todo o trabalho de ação educativa, que se espera dentro de uma instituição de objetivos de rememoração histórica, foi desarticulado. A grande potencialidade pedagógica daquele espaço memorialístico foi transformada em um silencioso cortejo de painéis improvisados, “autoexplicativos”, nos quais é narrada a versão institucional da história do campo²⁴.

²⁰ Seção dedicada ao Centro Memorial da História das Repressões Políticas “Perm-36”, no site do Portal Turístico Oficial da Região de Perm - Distrito Federal da região econômica do Ural e Volga - Rússia. Disponível em: <https://bit.ly/3bAfuto>. Acesso: 19 jun. 2022.

²¹ Em março de 1946, houve uma reestruturação dos órgãos de segurança e inteligência soviéticos e o espólio da antiga NKVD foi subdividido em duas direções institucionais. Uma deu origem ao Ministério de Assuntos Internos (o MVD, sigla da apelação russa), a outra deu origem ao MGB que, por suas vez, em março de 1954, foi transformado no KGB. Cf. NKVD. Verbete Wiki., versão em francês, cotejado com a versão em russo. Disponível em: <https://bit.ly/3BKsp6D> (versão fr); e em: <https://bit.ly/3P85IC2> (versão ru). Acesso em: 19 jun. 2022.

²² Um dos quatro últimos prisioneiros políticos do campo gulag de “Perm-35” é o ativista Bogdan Klimtchak, liberado em 1990. Em 1978, ao tentar sair ilegalmente da URSS para publicar em Teerã, no Irã, as suas memórias de antigo preso político do gulag, Bogdan, ao ser identificado cidadão soviético, foi repatriado à URSS pela polícia iraniana seguindo os acordos de repatriamento firmados entre o Irã e a URSS. Em 2008, Bogdan Klimtchak foi um dos primeiros entrevistados do projeto *Arquivos Sonoros - Memórias Europeias do Gulag* a gravar um longo depoimento sobre os mais de 25 anos, no total, em que foi prisioneiro do sistema de repressão do gulag. Parte desse depoimento pode ser acessado em: KLIMTCHAK, 2022. Disponível em: <https://rfi.my/8beh>. Último acesso: 10 ago. 2022.

²³ A pesquisadora Julie Gerber, na sua pesquisa de doutoramento em estudos literários comparados, defendida em 2020, sobre a escrita literário-testemunhal do gulag, apresenta, nos documentos anexos ao trabalho, uma entrevista com a diretora do museu *Meždunarodnyj Memorial*, sra. Irina Galkova, que esteve ligada ao museu-memorial “Perm-36” nos primeiros momentos de sua organização como lugar de memória institucional. Entre os temas abordados na breve entrevista, a museóloga comenta, sucinta e discretamente, o seu afastamento do “Perm-36” ao perceber a intensa disputa narrativa da qual a instituição passou a ser alvo. Cf. GERBER, 2020, p. 367-372. Disponível em: <https://tel.archives-ouvertes.fr/tel-03327291/document#page=370>. Acesso em: 19 jun. 2022.

²⁴ Parte dos espaços internos do campo, abertos à visitação, pode ser visualizada na série documental *Inside Perm 36: the last gulag*. Disponível em: <https://bit.ly/3bAp934>, acesso em: 4 ago. 2022.

O segundo espaço, o Museu de História do Gulag²⁵, foi criado pelo governo russo em 2012 e, depois de ocupar instalações modestas e improvisadas num prédio da área residencial moscovita, passou a ser sediado em um grande prédio histórico no centro de Moscou, transformando-se no *cartão de visita* governamental em termos de política pública sobre a história do gulag. Com a sua criação, a narrativa sobre o gulag deixou de habitar uma espécie de imenso não-lugar sem fronteiras, que dava espaço aos mais diversos tipos de relatos, quase sempre tidos como “fantasiosos”, e passou a ser uma narrativa histórica bem enquadrada dentro do discurso institucional do museu estatal que lhe foi dedicado.

Até muito recentemente, temas relacionados ao gulag eram um grande tabu na sociedade russa. Pessoas das gerações dos anos 1970-80, na faixa etária dos 50-40 anos, tiveram acesso a informações mais detalhadas sobre esse episódio da história contemporânea russa. Porém, gerações mais novas, sobretudo aquelas nascidas a partir de 1991 – ano da dissolução da URSS –, tiveram bem menos acesso ao tema²⁶. O fato de, hoje, ter-se um grande museu do gulag em pleno coração da Moscou antiga é algo que, de início, merece, sim, ser reconhecido como um grande avanço em termos de acesso e publicização ao conhecimento histórico do país. Por outro lado, ainda permanece como tabu a problematização da dinâmica política em que o sistema de repressão de massa do gulag foi instituído. E neste novo espaço de *não-dito* encontra-se novamente a atual história do gulag dentro do espaço nacional.

Numa visita virtual ao Museu da História do Gulag, pode-se ver facilmente o esforço do projeto de curadoria museal no sentido de atribuir, na medida do possível, pessoalidade e dimensão humanizada aos fatos históricos – coisa que, se comparada à realidade do Centro “Perm-36”, já é um avanço imenso. No entanto, para a perspectiva do visitante, permanece a impressão de que, a partir de dentro da narrativa institucional, o sistema repressivo do gulag surgiu, no tempo e espaço, por geração espontânea, por assim dizer. Os nomes dos principais postos de comando da polícia de repressão, responsável pela administração do sistema concentracionário do gulag, estão citados dentro do espaço expositivo, há uma profusão de imagens e reproduções de vídeos de época nos quais essas personagens centrais aparecem e são citadas como peças importantes dentro da imensa

²⁵ A página oficial da instituição pode ser consultada em: <https://gmig.ru/en/>. Acesso em: 27 jun. 2022.

²⁶ O interesse pela história do gulag é cada vez maior entre os jovens russos. Na última década, um sem-número de produções audiovisuais abordando o tema passou a ser difundido nas mídias sociais como forma alternativa de circulação de conhecimento sobre a história do país, fora do circuito *mainstream* das mídias oficiais do Estado – que têm, todas, sua narrativa alinhada ao discurso institucional estatal. Apenas a título de exemplo nesse sentido, veja-se o desempenho alcançado pela produção documental sobre o mais conhecido complexo de campos do gulag, o *Kolyma - Birth of fear*, do produtor Yuri Dud, que, em três anos, teve aproximadamente 27,3 milhões de visualizações. O documentário, com legendas em inglês, pode ser visto em: <https://bit.ly/3bArg70>. Acesso em: 27 jun. 2022.

engrenagem dos campos. Mas, novamente, o sentido da existência dessa prática repressiva colocada em ação por um Estado de aspirações totalitárias, ao longo de praticamente quase toda a sua existência, não é trazida para o cerne da narrativa museal.

Na perspectiva institucional do museu, os fatos, em si, são claramente reconhecidos, quantificados e localizados no espaço-tempo em que ocorreram, mas, porém, todavia, contudo, existe uma palpável separação de toda e qualquer relação que possa ser estabelecida entre o sistema de repressão de massa do gulag e a legitimidade do ente máximo que o produziu, o próprio Estado. Essa complexa dinâmica de encruzilhada atual entre história e interesses de Estado não se produz ao acaso. O atual chefe de governo, em seu discurso inaugural de investidura à presidência, a 7 de maio de 2000, afirmou com todas as letras, em termos de manutenção do “reconhecimento patriótico” da importância e “grandiosidade histórica” do seu país, assumir o compromisso de garantir a “transmissão às futuras gerações” do valioso legado histórico construído ao longo do tempo pelo seu país²⁷.

Novas formas possíveis das margens do arquipélago

À primeira vista, a assertiva do discurso de posse presidencial pode parecer uma simples construção retórica de um presidente que assumia a chefia política em um momento de profunda crise institucional do seu país. Porém, como manobra arregimentadora de um conjunto de símbolos que vêm sendo agenciados ao longo dos últimos vinte anos por um discurso ‘patriótico institucional’, no sentido de reconstruir uma imagem do país grandiosa, irretocável e inquestionável, interna e externamente, a frase votiva do discurso de posse adquire todo o seu sentido – não à toa alguns analistas do atual quadro político russo mencionam uma tentativa simbólica de reabilitação do imaginário do grande império russo pela atual gestão como forma de sedimentar nas mentes a imagem do grande estadista restaurador do império, e assim cimentar mais ainda a sua aprovação junto ao eleitorado e à opinião pública como um todo.

Mas naquilo que diz respeito estritamente às possibilidades narrativas acerca da história do gulag, o que se pode observar é que enquanto as narrativas desta história foram articuladas dentro do escopo do literário, ainda que na tópica do relato testemunhal, sem pôr em questão de forma evidente a própria lógica legitimadora do monopólio da violência pelo Estado, que segue sendo

²⁷ “Não devemos nos esquecer de nada, devemos conhecer a nossa história, como ela realmente foi, dela tirar lições, e sempre nos lembrarmos daqueles que fundaram o Estado da Rússia, defenderam a sua dignidade e o transformaram num grande e poderoso Estado. Nós devemos proteger essa memória, e proteger essa herança eterna. Tudo o que a nossa história conheceu de melhor, nós o transmitiremos aos nossos descendentes.” (trad. livre nossa). In: KREMLIN. 2000. Disponível em: <http://kremlin.ru/events/president/transcripts/21399>. Acesso em: 27 jun. 2022.

retroalimentada nos últimos tempos, essa foi uma história possível de ser contada. No entanto, à medida que o Estado, como ente supremo definidor das políticas públicas a serem implementadas, passou a ser alvo de uma narrativa questionadora sobre os limites de legitimidade de suas ações repressivas, a partir daí já não havia mais espaço possível a memorialismos vitimários do gulag.

O limiar a ser respeitado, nesse sentido, parece ser a manutenção da imagem de um ente estatal onipotente e supra-histórico que não pode ter suas ações questionadas, afinal, trata-se do Estado que pagou o mais alto preço, entre os países Aliados, para sufocar o terror bélico promovido pelo nazi-fascismo dentro do continente, ao longo da II Guerra Mundial. É exatamente nesta lógica argumentativa que se encontra o nó-cego dessa arregimentação da narrativa histórica institucionalizada em franco choque com a experiência vivenciada por milhares de famílias que foram atravessadas pela repressão do sistema concentracionário do gulag: ter de aceitar a imposição de uma versão histórica que glorifica um fato e seus agentes perpetradores, condenando simultaneamente ao silenciamento e ostracismo a dor e a memória de milhares de vítimas da repressão desse mesmo Estado.

A despeito de todo o controle diretivo estatal, as narrativas ‘transpirantes’ da história do gulag – sejam elas literárias, testemunhais, sejam historiográficas, sejam em novos suportes, em séries documentais audiovisuais, *podcasts*, por exemplo, ou mesmo ainda no silêncio mineral das pedras retiradas dos antigos campos do gulag e monumentalizadas no passeio público, a criar uma dobra temporal permanente no presente do transeunte cidadão que as cruza no seu caminho cotidiano²⁸ – seguem incessantemente reconstruindo, de maneira incansável, novas possibilidades de serem contadas, de serem transmitidas entre as diferentes gerações, numa batalha urdida, fio a fio, contra um silenciamento conveniente à arregimentação de uma versão edificante da história nacional, a promover grandes lições numa espécie de *historia magistra vitae*, lutando, enfim, por seu direito de cidade e espaço de memória.

²⁸ Refiro-me às duas Pedras de Solovetsky, a de Moscou e a de São Petersburgo, a que tive a oportunidade em algumas ocasiões, entre 2013 e 2017, de visitar, experienciar e testemunhar a sua potencialidade de evocação e de presença histórica. Trata-se, no entanto, de apenas dois, talvez os mais emblemáticos, entre as centenas – diria até milhares, sem receio de incorrer em hipérbole – de objetos e/ou monumentos comemorativos em memória das vítimas da repressão política do período soviético. Grande parte desses monumentos é fruto da iniciativa livre de pequenos grupos sociais organizados, assessorados pelos historiadores e pesquisadores membros da associação *Memorial*. A título de indicação, a *Yofe Foundation* (<https://iofe.center/>), instituição que se ocupa de ações pela manutenção da memória de vítimas da repressão política, disponibiliza online um mapa virtual que indica o registro de 411 lugares de memória diretamente relacionados à história do gulag, o *Russia's necropolis of terror and the gulag*, que pode ser acessado em: <https://en.mapofmemory.org>.

Referências

- APPLEBAUM, Anne. **Gulag: a history**. New York City: Doubleday, 2003.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação - Formas e transformações da memória cultural**. Campinas-São Paulo: Unicamp, 2011.
- BEER, Daniel. **A casa dos mortos - O exílio na Sibéria sob os Románov**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BÉRENGER, Caroline. Soljénitsyne et la France. Une œuvre et un message toujours vivants. **Revue des Études Slaves**, XCII, p. 3-4, 2021.
- CADIOT, Juliette; ELIE, Marc. **Histoire du Goulag**. Paris: La Découverte, 2017.
- CADIOT, Juliette; ELIE, Marc. **Histoire et mémoire du Goulag**. Paroles d'Histoire, audiossérie, 13 jun. 2018.
- CHALAMOV, Varlam. **Récits de la Kolyma**. Paris: Éditions Denoël, 1980.
- CHALAMOV, Varlam. **Souvenirs de la Kolyma**. Paris: Verdier, 2003.
- CHAPUT-LE BARS, Corinne. **Effets de raccomodement produits par l'écriture du récit de situations extrêmes de vie**. Tese. Université de Nantes. Nantes, 2013.
- CHAPUT-LE BARS, Corinne. **Traumatismes de guerre - Du raccomodement par l'écriture**. Paris: L'Harmattan, 2014.
- CHARBIT, Denis; DAYAN-ROSENMAN, Anny et al. **Littérature et témoignage**. Conferências, 194 min. AKADEM Campus numérique juif, 15 dez. 2008.
- CŒURÉ, Sophie. La réception de L'Archipel du Goulag et d'Alexandre Soljénitsyne en Europe occidentale et aux États-Unis (1974-1978): un choc médiatique de guerre froide. **Parlement[s] Revue d'histoire politique**, 2019/1, n° 29, p. 57-69.
- COLLIN, Philippe; BALLETT, Violaine et al. **Poutine, le tsar soviétique**. Audiossérie documental, 5 episódios, 270 min. Radio France, 4-8 jun. 2022.
- DUD, Yuri. **Kolyma - Birth of fear**. Documentário, 137 min. Rússia, 2019.
- FERNANDEZ, Stéphane. **Les derniers survivants de la Kolyma**. Documentário, 27 min., Vodeus França, 2012.
- FIGES, Orlando. **Sussurros - A vida privada na Rússia de Stalin**. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- FIGES, Orlando. **A People's Tragedy**. London: Penguin Books, 1998.
- FITZPATRICK, Sheila. Revisionism in Retrospect: A Personal View. **Slavic Review**, v. 67, n° 3,

2008, p. 682-704.

FLIGE, Irina. **Sandormokh** – Le livre noir d’un lieu de mémoire. Paris: Belles Lettres, 2021.

GAGLIARDONE, Marc. **Goulag, les fantômes de l’Histoire**. Reportagem documental, 15 min. RTS Nouvo, 12 out. 2019.

GELLATELY, Robert. Exterminating Internal Threats to Socialist Unity. **Stalin’s curse: battling for communism in war and Cold War**. New York: Alfred A. Knopf, 2013.

GELLATELY, Robert. **The age of social catastrophe**. New York: Alfred A. Knopf, 2007.

GINZBURG, Carlo. Apêndice - Provas e Possibilidades. In **O fio e os rastros** - Verdadeiro, falso, fictício. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, pp. 311-335.

GINZBURG, Evgenia. **Le ciel de la Kolyma**. Paris: Seuil, 1979.

GINZBURG, Evgenia. **Le vertige**. Paris: Points, 1997.

GROMOVA, Olga. **Sakharny rebenok** [*Sugar Child*]. Moscow: KompasGide, 2013.

GULLOTTA, Andrea. O gulag e a literatura de gulag: balanço das pesquisas. **Revista Estudos Avançados**, v. 31, n. 91, 2017.

HOBBSAWM, Eric. A volta da narrativa. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

JURGENSON, Luba. **Soljenitsyne et le Destin russe**. Paris: Albin Michel, 1991.

JURGENSON, Luba. **L’expérience concentrationnaire est-elle indicible?** Paris: Rocher, 2003.

KEMBALL, Robin. Le dilemme séculaire du poète russe : “patrie et liberté”. Aula inaugural. **Études de Lettres**, Faculté des Lettres, Université de Lausanne, n. 10, pp. 3-29, Lausanne, 1977.

KERSNOVSKAĪA, Euphrosinia. **Envers et contre tout** - Chronique de ma vie au gulag. Paris: Christian Bourgois, 2021.

LEBEDEV, Anna Colin. **Le tracteur du dictateur**. Le Podkhoze. Audiossérie, 14 min., mar. 2021.

LES ANNALES. Le temps du récit. Histoire, fiction, littérature. **Annales - Histoire, Sciences Sociales**, 2020/3, 75e année, p. 447-463.

MARIE, Jean-Jacques. **Le Goulag**. Paris: Press Universitaire Française, 1999.

MEINHARD, Stark. **Frauen im Gulag** - Alltag und Überleben 1936-1956. Munich: DTV, 2005.

MEINHARD, Stark. **Gulag-Kinder: Die vergessenen Opfer**. Berlin: Metropol Verlag, 2013.

PALONDER, František. **Můj otec Gulag**. Documentário, 63 min. Rússia - Eslováquia, 2008.

PEARCE, James; MAKHOV, Aleksandr; RYAN, James et al. **Collective Memory in Contemporary Russia: The Soviet Past in Post-Soviet Context(s)**. Conferências. Institute for Russian and Eurasian Studies. University of Uppsala. Transmissão remota, 22-24 set. 2021.

PRAZAN, Michaël e KOVRIGUINA, Assia. **Goulag(s)**. Documentário, 77 min. França, 2018.

ROTMAN, Patrick. **Goulag : une histoire soviétique**. Série documental, 3 episódios (Origines 1917-1933; Prolifération 1934-1945; Apogée et agonie 1945-1957). ARTE FRA-ALE, 2019.

ROTMAN, Patrick; AYMÉ, François; WERTH, Nicolas. **Goulag - Une histoire soviétique**. Paris: Seuil, 2019.

ROUSSO, Henry. **Face au passé : Essai sur la mémoire contemporaine**. Paris: Belin, 2016.

ROUSSO, Henry. **Le syndrome de Vichy**. Paris: Seuil, 1987.

SENTAURENS, Andrée. **Dix-sept ans dans les camps soviétiques**. Paris: Gallimard, 1963.

SOLJENITSYN, Alexandre. **L'Archipel du Goulag 1918-1956**. Paris: Fayard, 1973.

VASAK, Vladimir. **30 ans après la fin de l'URSS, la mémoire contrariée des Russes**. Reportagem doc., 4 min., ARTE França-Alemanha, 2021.

VOLOCHINE, Elena. **Russie l'impossible mémoire des répressions soviétiques**. Reportagem doc., 17 min. Billet retour France 24, 17 dez. 2021.

WERTH, Nicolas. **Être communiste en URSS sous Staline**. Paris: Gallimard, 2017.

WERTH, Nicolas. **La route de la Kolyma - Voyage sur les traces du goulag**. Paris: Belin, 2016.

WERTH, Nicolas. **À voix nue - Ep. 2 Diplomate à Moscou durant le crépuscule de l'Union Soviétique**. Depoimento, 28 min. France Culture, 7 out. 2014.

WERTH, Nicolas. **Autopsie d'un meurtre de masse 1937-1938**. Paris: Seuil, 2011.

WERTH, Nicolas. Un État contre son peuple. In: COURTOIS, Stéphane (Org.) **Le livre noir du communisme**. Crimes, terreur, répression. Paris: Éditions Robert Laffont, 1997.

WERTH, Nicolas. Avant-propos. **Histoire de l'Union Soviétique - De l'Empire russe à la Communauté des États indépendants (1900-1991)**. Paris: Presses Universitaires de France, 2021.

WERTH, Nicolas. Goulag, mode d'emploi. **Mondes Sociaux - Magazine de Sciences Humaines et Sociales**. 30 jun. 2020.

WERTH, Nicolas. **Poutine historien en chef**. Paris: Gallimard, 2022.

Recebido em: 28 de junho de 2022.

Aprovado em: 24 de agosto de 2022.